

**Ministério da Educação
Universidade Federal de Ouro Preto
Escola de Minas
Departamento de Engenharia de Produção, Administração e Economia**

Daniele Gomes Marcelino

**Empoderamento feminino através da valorização do conhecimento tácito:
ações junto a uma comunidade de bordadeiras**

Ouro Preto
2023

Daniele Gomes Marcelino

**Empoderamento feminino através da valorização do conhecimento tácito:
ações junto a uma comunidade de bordadeiras**

Monografia apresentada ao Curso de Engenharia de Produção da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Engenheiro de Produção.

Orientador: Prof. Dra. Tays Ribeiro Chagas

Ouro Preto
2023



FOLHA DE APROVAÇÃO

Daniele Gomes Marcelino

Empoderamento feminino através da valorização do conhecimento tácito: ações junto a uma comunidade de bordadeiras

Monografia apresentada ao Curso de Engenharia de Produção da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharela em Engenharia de Produção

Aprovada em 16 de outubro de 2023

Membros da banca

Doutora - Tays Torres Ribeiro das Chagas - Orientador(a) Universidade Federal de Ouro Preto
Doutor - Máximo Eleotério Martins - Universidade Federal de Ouro Preto
Doutor - Yã Grossi Andrade - Universidade Federal de Ouro Preto

Tays Torres Ribeiro das Chagas, orientador(a) do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 16/10/2023



Documento assinado eletronicamente por **Tays Torres Ribeiro das Chagas, CHEFE DO DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E ECONOMIA**, em 01/11/2023, às 14:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0618615** e o código CRC **6BC028E1**.

Resumo

O trabalho apresenta ações e os resultados em uma comunidade de mulheres rurais artesãs em Ouro Preto/MG. Realizou-se ações visando o desenvolvimento das habilidades e perpetuação do saber das bordadeiras; gerando renda e valorizando seu trabalho, além de promover o pertencimento à comunidade através da socialização e do empoderamento feminino. Fundada em 2008 por um grupo de amigas artesãs, a Associação das Senhoras Artesãs - ASA é uma organização civil de direito privado, sem fins lucrativos. Seu principal objetivo é promover o crescimento das habilidades artesanais têxteis entre as mulheres da região de Ouro Preto, Minas Gerais. O trabalho buscou a expansão das atividades já empreendidas pela associação, empregando abordagens participativas e colaborativas. Um destaque importante foi a iniciativa de capacitar outras mulheres na arte do artesanato, adicionando assim um elemento de formação à missão da ASA. Como resultado, trouxe maior visibilidade e oportunidade para a comercialização e exposição dos produtos feitos pela ASA estimulando o empoderamento e a busca por independência financeira.

Palavras-chave: Comunidades, Trabalho artesanal, Empreendedorismo social.

Abstract

The work presents actions and outcomes in a community of rural craftswomen in Ouro Preto/MG. Actions were carried out aiming at the development of skills and perpetuation of knowledge among embroiderers; generating income and valorizing their work, in addition to promoting community belonging through socialization and female empowerment. Founded in 2008 by a group of artisan friends, the Association of Artisan Ladies (ASA) is a private non-profit civil organization. Its main objective is to promote the growth of textile craft skills among women in the Ouro Preto region, Minas Gerais. The work sought to expand the activities already undertaken by the association, employing participatory and collaborative approaches. A significant highlight was the initiative to train other women in the art of handicrafts, thus adding a training element to ASA's mission. As a result, it brought greater visibility and opportunities for the marketing and exhibition of products made by ASA, stimulating empowerment and the pursuit of financial independence.

Keywords: Tacit knowledge, Artisan work, Women Empowerment

Lista de figuras

Figura 1: Empreendedorismo privado x Empreendedorismo social	14
Figura 2: Característica como comunidade de prática.....	19
Figura 3: Características da ASA como empreendedorismo social	21

Sumário

1.	Introdução.....	7
2.	Objetivo	9
3.	Referencial teórico.....	9
	3.1 O conhecimento tácito e o artesanato	9
	3.2 Comunidade de prática	12
	3.3 Empreendedorismo social e o empoderamento nas comunidades.....	14
4.	Objeto de estudo: Associação das Senhoras artesãs (ASA).....	16
5.	Método de trabalho.....	17
6.	Resultados e discussões	18
7.	Conclusão	22

1. Introdução

Produzir artesanalmente subentende um fazer não industrial, em uma economia não escalar, na qual o artesão domina a tecnologia ou a técnica. Seu fazer imprime uma identidade pessoal e direta ao produto, mesmo quando se trata de um artesanato feito em grupo ou coletivamente, como define Latoski e Nogueira (2021). O artesanato é um produto do trabalho autônomo e vivo, no qual cada artesão tem uma história para contar e cada peça possui um significado particular de memória e resgate. O artesanato corresponde ao trabalho de elaboração de um saber técnico por um grupo social reconhecido como especialista nesse campo de conhecimento (Chagas, 2018).

O bordado é uma arte milenar e se expressa de formas variadas de acordo com os aspectos econômicos, históricos, culturais e ambientais de cada sociedade, sendo predominantemente ligada a núcleos femininos, geralmente familiar, transmitida de geração em geração (Gallisa, 2020).

Para Gallisa (2020), o bordado é mais que um elemento de identidade cultural e formação de agrupamentos sociais, o bordado também representa uma ferramenta de empoderamento social. O ofício das bordadeiras permite que se organizem, troquem experiências e vivências, buscando também uma forma de complementação de renda para o orçamento familiar. Gallisa (2020) afirma que, além de ser um importante espaço de transmissão do saber, o agrupamento em associações coletivas tem tido importante papel na comercialização e exposição dos produtos, expandindo a produção de trabalho, antes realizada no núcleo familiar, à esfera pública através da confecção de roupas e outras peças para uso de pessoas fora desse núcleo.

Para as bordadeiras, grupo tradicionalmente com maior vulnerabilidade social, o acesso a novos conhecimentos e competências para o trabalho contribui para diversificar e aumentar a renda familiar. Assim, o artesanato pode se transformar em ferramenta de renda, reintegração e motivação para mulheres que deixaram de encontrar inspiração ao longo da vida, seja devido às perdas, mudanças, traumas sofridos ou até mesmo à idade e a errônea sensação de que não são mais úteis para a sociedade, de que sua contribuição não tenha mais valor (Oliveira *et al.*, 2019). O trabalho artesanal pode se tornar ferramenta de empoderamento, através do empreendedorismo social.

Empreendedorismo social é qualquer ação inovadora voltada para o campo social que visa o desenvolvimento comunitário, melhorando as condições de vida daqueles que habitam

determinada comunidade, interligando o social, o econômico e o ambiental (Oliveira *et al.*, 2019).

A Associação das Senhoras Artesãs - ASA, fundada em 2008 por amigas do ofício, é uma associação civil de direito privado sem fins lucrativos em Ouro Preto, Minas Gerais, que tem por finalidade o desenvolvimento das habilidades artesanais têxteis. A associação visa profissionalizar as artesãs e dentre outras ações, promove formações para comunidade, mantém ateliê acessível e equipado para produção e comercialização de produtos com qualidade de inserção no mercado.

A pesquisa desenvolvida possibilitou exercer o caráter bilateral de formação e transformação de todos os envolvidos, gerando a produção de conhecimento científico focado no problema social, através da adaptação de tecnologias utilizadas em empreendimentos tradicionais para as realidades e demandas locais das mulheres da comunidade, proporcionando empoderamento e reforçando o empreendedorismo na comunidade, formando novas bordadeiras, além da sensibilização de toda a equipe de trabalho.

Este trabalho apresenta os resultados da ação desenvolvida na associação ASA, com foco em mulheres residentes em distritos e comunidades rurais de Ouro Preto, promovendo a continuidade da tradição e do ofício, assim como o fortalecimento da comunidade. Assim, este trabalho teve como objetivo garantir oficinas de capacitação relacionadas aos aspectos organizacionais e de inovação, bem como o desenvolvimento das habilidades das artesãs no desenvolvimento de novos produtos, empoderando as mulheres rurais, fortalecendo sua confiança e habilidades socioemocionais.

A ação contribuiu para a diversificação produtiva e das fontes de renda familiar, bem como a capacitação e empoderamento feminino, contribuindo para criar soluções de alternativas sustentáveis de desenvolvimento. Espera-se ainda incentivar o uso de técnicas artesanais na diversificação da produção, como, por exemplo, a produção de embalagens para doces e quitandas, que deverá permitir agregar valor ao que já é produzido na comunidade por meio do resgate de saberes tradicionais, e da valorização de elementos que remetam ao patrimônio histórico-cultural das comunidades rurais e das cidades turísticas.

Assim, além de promover o empoderamento das bordadeiras através de ações de empreendedorismo social, tem na troca de saberes com o grupo de artesãs a construção de novos conhecimentos por meio da prática.

2. Objetivo

O Objetivo geral deste trabalho é auxiliar na capacitação de mulheres por meio das habilidades das bordadeiras integrantes da Associação de Artesãs, apresentando conceitos de inovação e empreendedorismo, contribuindo para o desenvolvimento de suas habilidades e perpetuação dos saberes.

Os objetivos específicos são:

- Capacitar as mulheres explorando conceitos de inovação e empreendedorismo visando a diversificação de produtos e possibilidades de comercialização, pretendendo a diversificação das possibilidades de comercialização;
- Caracterizar o empreendedorismo social dentro da comunidade artesã;
- Contribuir para o empoderamento das mulheres rurais, fortalecendo sua confiança e habilidades socioemocionais;

3. Referencial teórico

3.1 O conhecimento tácito e o artesanato

No Brasil, o artesanato é uma técnica antiga, sendo registradas atividades de artesanato entre os índios que habitavam o Amazonas. Os objetos feitos por eles eram de cerâmica e palha e possuíam, a princípio, uso utilitário no cotidiano. Somente a partir da colonização, e sob influência dos jesuítas, esta habilidade foi aprimorada com o uso de novas técnicas e materiais, passando a ser direcionada também para a confecção de adornos, vestimentas, adereços, mobiliários e objetos diversos (Lira, 2008).

Para Chagas (2018), o trabalho artesanal é definido como uma atividade com identidade, tanto com o trabalho em si quanto com a matéria-prima utilizada. Esta atividade é repleta de significados e sentido para os artesãos, com tradições e saberes transmitidos ao longo das gerações nos núcleos familiares.

O artesanato é ainda caracterizado por ser realizado com engajamento corporal, moral e afetivo, sendo ao mesmo tempo um conceito e uma prática (Chagas, 2018). O artesanato é produto do trabalho autônomo e vivo, no qual cada artesão tem uma história para contar e cada peça possui um significado particular de memória e resgate. No contexto da arte,

corresponde ao trabalho de elaboração de um saber técnico por um grupo social reconhecido como especialista nesse campo de conhecimento (Chagas, 2018).

De acordo com Ribeiro (2011), o conhecimento é uma propriedade de um grupo social e constitui-se como uma forma de vida. É socialmente acordado, modificado e transmitido; requer imersão para ser desenvolvido; possui "fronteiras" que definem quem está dentro e quem está fora, quem é membro e quem não é, quem foi socializado dentro dele e quem não foi (Ribeiro, 2011).

Considerando a relação significativa entre o conhecimento tácito e a prática artesanal, Polanyi (1958) identifica o conhecimento tácito como a compreensão da entidade compreensiva constituída pelo termo distal e o proximal, em conjunto.

Em Polanyi (1966), o termo chamado proximal está relacionado a elementos subliminares de um objeto e outros elementos como: processos inconscientes, processos emocionais, respostas motoras etc. O segundo termo do conhecimento tácito é chamado distal e está relacionado ao objeto do conhecimento como um todo, ao seu significado. A partir dos dois tipos de atenção e dos dois termos do conhecimento, Polanyi (1966) analisa a relação funcional dos elementos proximais ao alvo distal. Segundo o autor, no ato do conhecimento tácito nós não "olhamos para", mas sim "olhamos de para", ou seja, partimos do primeiro termo para o segundo termo da relação tácita. Então, é do termo proximal que se tem o conhecimento e que talvez não seja capaz de falar sobre ele. O autor diz que quando se observa um objeto familiar, dependemos da nossa consciência, *awareness*, de seus atributos enquanto prestamos atenção à aparência característica do objeto. Da mesma forma, confiamos na nossa consciência, *awareness*, da combinação de movimentos musculares para a prática de uma habilidade física. Assim, segundo Polanyi (1966), estamos prestando atenção a partir desses elementos subsidiários para a realização de sua finalidade conjunta e essa é a chamada estrutura funcional do conhecimento tácito.

Os dois termos do conhecer tácito são definidos por Polanyi (2010) como proximal, aquele que está mais próximo das experiências do sujeito, mas, revelam um conhecimento do qual o sujeito não é capaz de falar sobre, e o distal, segundo termo que revela as experiências que ocorrem à distância dos sujeitos, mas tornam-se conhecidos de forma especificável, explícita, porque a consciência que se tem deles e de seus particulares estão asseguradas por meio do conhecimento tácito. Os processos pelos quais os termos proximal e distal se justificam são definidos em funcional, fenomenal, semântico e ontológico. Neste conjunto constituído, para o termo proximal é que representa a consciência do conhecer tácito, "dos particulares" que atendem aos significados do termo "distal".

O conhecimento tácito representa o aspecto ontológico da prática, sendo o termo proximal a parte que representa os detalhes específicos da habilidade e a compreensão da entidade confia na consciência desses detalhes para atender ao seu significado geral; enquanto o termo distal representa a relação de um instrumento orientado para o nosso objeto (consciência sobre os traços de um objeto, face) (Polanyi, 1958).

Portanto, ganham mais sentido os processos de interiorização e exteriorização do conhecimento considerando-se quando, conforme afirma Polanyi (2010), “um verdadeiro conhecimento de uma teoria apenas pode ser estabelecido depois desta ter sido interiorizada, e extensivamente usada para interpretar a experiência.” Para o autor, “Não é olhando as coisas, mas interiorizando-as, que se compreende o seu significado conjunto.” (Polanyi, 2010). Neste sentido, o pensamento tácito, revelador dos elementos pessoais do conhecimento, torna-se indispensável a todo conhecimento, pois o ideal de uma teoria que elimina o saber tácito, torna-se contraditório e sem sentido lógico, pois o ato de conhecer exige julgamento pessoal e busca a proximidade e apreensão da realidade externa, ou seja, da objetividade da qual provém (Polanyi, 2010).

Para Polanyi, o conhecimento tácito é algo pessoal, uma habilidade ou destreza para realizar algo ou resolver um problema, baseado em experiência e aprendizado próprios. Seu objetivo é elucidar a importância do conhecimento pessoal e da dimensão tácita para a maestria de uma expertise (Vieira, 2018).

De acordo com Dreyfus e Dreyfus (2012), o processo de aquisição de uma habilidade é a progressão do comportamento analítico de um sujeito distanciado, que conscientemente decompõe seu ambiente em elementos reconhecíveis e segue regras abstratas, até o comportamento habilidoso e envolvido, baseado na combinação holística de novas situações com reações associadas, que são produzidas por experiências bem-sucedidas em situações semelhantes. O progresso, portanto, ocorre da estrita adesão às regras para um modo intuitivo de raciocínio baseado no conhecimento tácito.

Para Stuart Dreyfus, o conhecimento envolvido em uma expertise não se trata apenas da dicotomia entre o tácito e o explícito. Ele também não se fundamenta apenas no conhecimento tácito, pois considera o termo um paradoxo (Vieira, 2018).

Ao analisar a gestão do conhecimento tácito em empresas, Alves e Campos (2021) destacam a clara necessidade de contato entre as pessoas para explicitar qualquer tipo de conhecimento, pois mesmo com o uso de novas tecnologias, o contato ainda é necessário. A boa comunicação, afinidade e a vontade dos indivíduos em compartilhar e socializar sem se

sentirem ameaçados em relação à sua zona de conforto são fatores críticos de sucesso para a externalização do conhecimento tácito.

Um exemplo do processo de transferência de conhecimento tácito pode ser observado no estudo de Oliveira, Fontes e Guimarães (2020) realizado com coletores de lixo domiciliar. Existe um treinamento de integração para os trabalhadores, realizado pela contratante, no qual são repassadas as normas e regras da empresa. No entanto, o conhecimento real (na prática) é transmitido pelos próprios coletores, que compartilham conhecimentos tácitos sobre a rotina de trabalho, compartilham experiências com os novatos e demonstram costumes e procedimentos específicos. Os autores também destacam como os valores compartilhados, como companheirismo, cooperação e bom humor, são transmitidos espontaneamente entre os trabalhadores e influenciam o comportamento dos coletores em relação à ocupação. O conhecimento tácito transmite elementos culturais e engaja os trabalhadores na rotina, no modo particular pelo qual a atividade é executada (Oliveira, Fontes, Guimarães, 2020).

No que se refere à conversão das informações e práticas em conhecimento tácito e sensível, o saber fazer artesanalmente está relacionado a uma aprendizagem que não se resume a um processo idealizado mentalmente, mas é incorporado por meio da destreza física e estética do artífice durante a criação da obra. Em Chagas (2018), o "fazer com as mãos" representa a autenticidade do artesão, tornando impossível reproduzir os artefatos de maneira padronizada. As atividades artesanais representam as singularidades do trabalho que se concretizam nos produtos, tornando-os únicos, mesmo na repetição. Cada peça possui sua singularidade, sendo únicas e não limitadas ao uso utilitário, podendo ser apreciadas como representantes de uma cultura distinta (Chagas, 2018).

Em resumo, o conhecimento tácito desempenha um papel fundamental no artesanato, permeando as práticas, os valores, a cultura e a identidade dos artesãos. A transmissão desse conhecimento ocorre por meio da participação em comunidades de prática, onde a interação social e a aprendizagem coletiva desempenham um papel crucial. A valorização do conhecimento tácito no artesanato destaca a importância da expertise individual e da autenticidade das peças produzidas.

3.2 Comunidade de prática

As comunidades de prática são coletivos de seres humanos e não humanos conectados em rede, nos quais a aprendizagem é fundamentada nas experiências e na observação das

práticas de mentores, com compartilhamento de técnicas e aspectos da cultura em que os membros estão inseridos (Arns, 2020).

Para Arns (2020), o termo "Comunidade de Prática" é frequentemente utilizado de forma equivocada para descrever grupos que não atendem às premissas estabelecidas. Para configurar uma verdadeira Comunidade de Prática, é necessário que exista um grupo de pessoas com interesses em comum, interação contínua e desenvolvimento de relações pessoais, reuniões que agreguem valor por meio da aprendizagem mútua, ajudapara resolver problemas, criação de ferramentas e documentos para organizar o conhecimento da comunidade, satisfação pessoal resultante do envolvimento na comunidade e desenvolvimento de senso de identidade compartilhada. Os elementos que permitem a análise e classificação das comunidades são: domínio, comunidade e prática (Arns, 2020).

Segundo Moura (2009), os participantes têm em comum a paixão, compromisso e identificação com os conhecimentos especializados do grupo. Para identificá-las, o autor propõe quatro perguntas: “Qual objetivo?”, “Quem participa?”, “O que têm em comum?” e “Quanto tempo duram?”.

Para Arns (2020), uma parte significativa desse conhecimento codificado pode ser absorvida por meio de estudos acadêmicos, enquanto outra parte é adquirida pela experiência prática e pela interação com colegas. Entre os tipos de comunidades práticas, estão as comunidades *Craft-based* e profissional. Nas comunidades *Craft-based*, o conhecimento tácito está contido nas práticas exercidas pelos membros, nos artefatos utilizados, na cultura e na linguagem, é compartilhado por meio da interação social localizada e o aprendizado se dá por meio da participação periférica legítima, no cenário mestre e aprendiz. As comunidades Profissional dizem respeito aos tipos de conhecimentos adquiridos, criados e propagados pelos profissionais, essa situação requer o domínio de conhecimentos tácito e explícito (Arns, 2020).

O agrupamento em associações coletivas tem tido importante papel na comercialização e exposição dos produtos, como no caso abordado neste estudo, a comunidades de prática que existe ali possui interesses em comum, interação contínua e desenvolvimento conjunto. O cenário de bordados e rendas em Ouro Preto ainda preserva a produção doméstica, particular e voltada ao círculo familiar, que também continua a ser um importante espaço de transmissão desse saber (Gallisa, 2020). Além disso a identificação com o grupo e a duração do envolvimento com a comunidade contribuem para a formação de uma identidade compartilhada entre as artesãs (Moura, 2009). Desta maneira, a associação trata-se de um dos principais espaços de manutenção da prática em Ouro Preto.

Segundo Gallisa (2020) é necessário o aprimoramento de formas de produção e tipos de conhecimentos reproduzidos para a fundamentação do seu registro como patrimônio imaterial e a proposição de uma política de salvaguarda.

Sobre a arte de bordar, Gallisa (202) afirma que além da boa vontade, executá-la requer o material como linhas coloridas, agulhas, tecidos. Os pontos mais ensinados pelas artesãs são: ponto haste, ponto atrás, ponto cheio, ponto folha, ponto caseado, ponto cadeia, ponto espiga, ponto rococó, ponto correntinha. Bordados em bastidores são muito usados ultimamente, e as mensagens surgem em comoção, mas cita-se também bordados de flores, frutas que remetem à memória. As flores bordadas são lembranças da infância, a natureza se faz presente na memória destas bordadeiras (Gallisa, 2020).

3.3 Empreendedorismo social e o empoderamento nas comunidades

Em Oliveira *et al.*, (2019), o ato de empreender é definido como o resultado de um conjunto de ações criativas para a solução de problemas ou prestação de serviços com uma finalidade específica e direcionada para um grupo de pessoas. Em uma ação empreendedora não é necessária uma completa inovação na forma de lidar com uma situação ou modificações em pequena escala de um determinado método, às vezes a simples junção de maneiras de lidar com determinadas situações pode ser tido como uma ação inovadora.

O empreendedorismo social é uma ação inovadora voltada para o campo social. O empreendedorismo social se interliga diretamente com outros métodos de construção para ser identificado nas mais diversas localidades desde o meio rural com agricultores familiares que vivem do campo, até mulheres de comunidades urbanas em situação de vulnerabilidade social que desejam através do artesanato e da valorização cultural serem empoderadas social e economicamente (Oliveira *et al.*, 2019).

Para Melo Neto e Froes (2002), o que difere o empreendedorismo “social” do empreendedorismo “privado”, são dois aspectos: Primeiramente, o empreendedorismo social não produz bens e serviços para vender, mas para solucionar problemas sociais; e segundo, não é direcionado para mercados, mas para segmentos populacionais em situação de risco social (exclusão social, pobreza, miséria, risco de vida). A imagem 1, destaca as diferenças entre os dois tipos de empreendedorismo.

Figura 1: Empreendedorismo privado x Empreendedorismo social

Empreendedorismo Privado	Empreendedorismo Social
1. É individual.	1. É coletivo.
2. Produz bens e serviços para o mercado.	2. Produz bens e serviços para a comunidade.
3. Tem foco no mercado.	3. Tem foco na busca de soluções para os problemas sociais.
4. Sua medida de desempenho é o lucro.	4. Sua medida de desempenho é o impacto social.
5. Visa satisfazer necessidades dos clientes e ampliar potencialidades do negócio.	5. Visa resgatar pessoas da situação de risco social e promovê-las.

Fonte: Melo Neto e Froes (2002).

O instituto Ashoka (2012) define que o empreendedor social se refere a “existência de indivíduos que combinam pragmatismo, compromisso com resultados e visão de futuro para realizar profundas transformações sociais”. Desse modo, o sujeito empreendedor no campo social, passa a ser difundido por uma lente teórica na qual sua capacidade de produzir bens e serviços está ligada ao desenvolvimento econômico contribuindo para melhorias sociais. Assim, de acordo com o instituto Ashoka, o empreendedor social é aquele que possui características próprias e aponta para tendências e traz soluções inovadoras para problemas sociais e ambientais; por meio da ação desses agentes é possível entender como ocorrem os processos de mudança e como as comunidades são influenciadas quanto ao engajamento em torno de uma causa comum (Ashoka, 2012). Para Leão *et al* (2012) e Oliveira (2012) os projetos das instituições sociais necessitam causar impactos na vida dos indivíduos de modo a gerar emancipação social. Os indivíduos beneficiados são orientados a serem multiplicadores das ações, promovendo ciclo vicioso quanto à formação e criação de novos empreendedores sociais. Esses atores se utilizam da ação empreendedora como mecanismo indutor do desenvolvimento de comunidades. Dessa forma, existem características próprias que revelam tanto “quem é” o empreendedor social, quanto “qual é” a característica de um empreendimento social. Todavia, pode haver imbricamento das parcerias, embora cada interagente busque sua própria sobrevivência sob a égide de sua missão, metas e valores, definidos na constituição do empreendimento.

O termo empoderamento (empowerment) originou-se nos Estados Unidos durante os movimentos de direitos civis dos anos de 1960, generalizando-se em vários aspectos, em nível

internacional, nacional e comunitário. No início foi liderado por mulheres feministas no campo do desenvolvimento e dos movimentos sociais das mulheres, em meados dos anos de 1970, e logo se ampliou aos estudos sobre comunidades; o termo passou também a nomear a cooperação para o desenvolvimento em agências como o Banco Mundial e chegou a ser parte das Metas do Milênio estabelecidas pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2000. (Cruz, 2018)

Para Cruz (2018), empoderamento se tornou popular no campo do desenvolvimento, especialmente em referência a mulheres nos programas de base, sendo empregado virtualmente em relação a termos como: bem-estar, melhoramento na participação comunitária e alívio da pobreza, e para descrever a meta de desenvolvimento e suas intervenções. O conceito de empoderamento como parte do Movimento Social de Mulheres surgiu em todo o mundo, particularmente entre as feministas do Terceiro Mundo, mediante um diálogo contestatório e rebelde, com os modelos segmentados de desenvolvimento que visibilizaram as mulheres. Particularmente, as mulheres acadêmicas interpelaram/reivindicaram a necessidade de se visibilizarem os interesses e necessidades das mulheres, entre práticas e estratégias (Cruz, 2018).

Conforme afirma León (1997), o empoderamento inclui a mudança individual e a ação coletiva para alterar os processos e estruturas que reproduzem a posição subordinada da mulher. Como primeira estratégia, devem-se responder às necessidades e demandas específicas das mulheres para sobreviver, para poder sair da pobreza. São demandas práticas: a luta pelo salário, pelo emprego, pela saúde, pela habitação, pelo colégio para os filhos etc. A segunda estratégia refere-se àquelas necessidades e interesses que apontam a uma mudança fundamental nas relações desiguais de poder existentes entre os gêneros.

O empoderamento das mulheres tem que desenvolver uma nova concepção de poder, que assuma formas de democracia e poder compartilhado, favorecendo a construção de novos mecanismos de responsabilidade coletiva, da tomada de decisões e de responsabilidades. (Cruz, 2018).

4. Objeto de estudo: Associação das Senhoras Artesãs (ASA)

Fundada em 18 de dezembro 2008 por amigas artesãs a Associação das Senhoras Artesãs (ASA) é uma associação de mulheres localizada na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais. Contando com 24 associadas, a associação realiza trabalhos artesanais utilizando

linhas e agulhas elaborando produtos como bolsas, panos de prato, caminhos de mesa, entre outros.

As bordadeiras que formam a associação têm seu aprendizado transmitido de mãe para filha desde então, estas habilidades estão no contexto tradição familiar e, atualmente, ocupam espaços comerciais, transformando-se em meio de vida e ganho para mulheres artesãs e suas famílias. Porém não só como fonte de renda, mas, também, de sociabilização e manutenção da saúde psicológica.

Ao longo de sua existência a ASA tem participado de diversas feiras da cidade e oferecido oficinas que visam apresentar aprimoramento e resgate de técnicas de bordados, o grupo desenvolve trabalhos utilizando as seguintes técnicas: bordado livre, bordado tradicional, bainha aberta, patchwork, *crazy kilt*, crochê, tricô, pintura em tecidos, bijuterias tradicionais e com material reciclável e decupagem.

O trabalho desenvolvido pelas artesãs recebeu reconhecimento dos órgãos locais que fomentam a cultura e história de Ouro Preto. Além da parceria com a Fundação Aleijadinho, em 2020, a ASA recebeu o Título de Patrimônio Imaterial, concedido ao ofício de Bordadeiras e Rendeiras de Ouro Preto pela Prefeitura Municipal; em 2019; o Prêmio da Fundação Aleijadinho, categoria Entidades com Responsabilidade Social; e em 2015, Título de Utilidade Pública, pela Câmara Municipal Lei nº 961 de 30/09/2015.

5. Método de trabalho

Todo o trabalho foi realizado por meio de metodologias qualitativa, abordando métodos participativos, horizontais e observação direta. Contando com a participação ativa das mulheres rurais artesãs da Associação de Senhoras Artesãs de Ouro Preto (ASA) em todas as etapas do projeto, desde a concepção até a avaliação. A abordagem está fundamentada na perspectiva freiriana, que enfatiza o diálogo entre saberes, a extensão baseada na práxis e a capacidade do ser humano de transformar sua própria realidade (Freire, 2010).

A observação direta aconteceu durante as visitas à ASA, segundo Yin (2005), as observações diretas podem ser realizadas ao longo da visita de campo, incluindo aquelas ocasiões durante as quais estão sendo coletadas outras evidências. As visitas de campo ocorreram durante rodas de conversa, oficinas e palestras. Essas ações foram oportunas para visualizar e captar aspectos que não necessariamente foram verbalizados durante os momentos de diálogos propostos.

Dentro da metodologia visou-se caracterizar os contextos sociais e compreender a ação dos agentes, desde a descrição da realidade passada e atual, às dinâmicas e processos, à representação/expectativas dos agentes face ao contexto futuro que será portador de mudança, valorizando as experiências e saberes prévios dos indivíduos e promovendo um ambiente onde todos são tanto aprendizes quanto educadores.

A construção de um processo de planejamento participado constituiu a orientação metodológica fundamental, já que se preocupou em dinamizar um processo de mudança coletivo baseado na construção partilhada de um plano de ação. As mulheres rurais que participaram do trabalho tiveram a oportunidade de oferecer oficinas para capacitar outras mulheres, abordando técnicas variadas de bordado.

A distribuição da carga horária dos encontros aconteceu de maneira organizada e flexível, combinada de acordo com a disponibilidade das participantes.

6. Resultados e discussões

Durante os encontros com ASA foi desenvolvido oficinas, palestras e cursos de capacitação ligados à gestão e empreendedorismo, com fundamento em metodologias participativas para a condução e a avaliação das atividades.

As atividades foram realizadas no período 4 meses, e tiveram como princípio norteador o trabalho com conceitos de empreendedorismo, inovação, empoderamento, comunidade e, novos modelos produtos por meio de técnicas artesanais. As atividades desenvolvidas foram: oficinas, rodas de conversas e palestras.

A palestra sobre inovação trouxe informações em como as bordadeiras podem usar a criatividade para propor novos produtos, agregando valor ao produto, por exemplo, criar novos modelos e utilizar cores diferentes aos trabalhos já realizados. Por ser um trabalho criativo, há diversas oportunidades para a inovação, pode-se inovar no tipo de material utilizado, no tipo de produto, e principalmente, mantendo a estética e o saber envolvido nos bordados desenvolvidos.

Durante a palestra, buscou-se sanar dúvidas em relação ao mercado na qual elas estão inseridas e buscar novas formas de compartilhar o saber tácito das artesãs, conhecimentos sobre necessidade e valor do cliente, e técnicas de comercialização, buscando tendências de mercado. As mulheres rurais que participaram da pesquisa tiveram a oportunidade de contribuir com o aprendizado de novas bordadeiras por meio das oficinas de capacitação. O

foco dessas oficinas foram: técnicas variadas de bordado, patchwork, bordado em chita, bordado em geral, costura básica e *patchwork crazy* com bordado. A partir dessa ação as bordadeiras realizam estudos sobre diversificação produtiva no contexto rural local como estratégia de desenvolvimento sustentável para ASA.

A palestra sobre empreendedorismo abordou temas como: empoderamento feminino, senso de comunidade, noção de concorrência, preços e fornecedores. Durante a palestra, as bordadeiras foram incentivadas a pensarem em modelos de negócios, em usar a associação na busca de grandes clientes. A cooperação entre as artesãs, mais que a troca de saberes e a identidade cultural, tem grande importância na medida que aumenta seu poder de barganha na negociação com os clientes e na valoração de seu trabalho. Além disso, buscou-se reforçar o empreendedorismo nas comunidades artesãs e a importância de formar novas bordadeiras para perpetuar o saber artesanal dos bordados ensinando.

A inovação e o empreendedorismo podem auxiliar a manter a tradição das artesãs, criando valor sobre os produtos e criando diferenciais para o grupo em um mercado competitivo. A associação vem fortalecendo as artesãs, melhorando a performance individual de cada uma e oferecendo poder de barganha junto a fornecedores, conceitos que parecem ser aplicáveis apenas a grandes empresas, mas totalmente aplicados na realidade dessas mulheres. Essa reflexão trouxe a elas a ideia de criar um produto para doces e quitandas produzidas na região.

Na literatura as comunidades de prática podem ser definidas como coletivos de onde a aprendizagem é fundamentada nas experiências e na observação das práticas de mentores, com compartilhamento de técnicas e aspectos da cultura em que os membros estão inseridos (Arns, 2020). Segundo Moura (2009), os participantes da comunidade prática têm em comum a paixão, compromisso e identificação com os conhecimentos especializados do grupo. Para identificá-las, o autor propõe quatro perguntas: “Qual objetivo?”, “Quem participa?”, “O que têm em comum?” e “Quanto tempo duram?”. Sendo assim, essas perguntas aplicadas a associação a caracteriza como uma comunidade de prática.

Figura 2: Característica como comunidade de prática.

Características da Associação ASA como comunidade de prática			
Qual objetivo?	Quem participa?	O que têm em comum?	Quanto tempo duram?
Profissionalizar as artesãs da associação afim de desenvolver as habilidades artesanais têxteis e gerar a transmissão de saber .	Mulheres artesãs bordadeiras residentes em distritos e comunidades rurais de Ouro Preto.	A paixão pelo bordado e compromisso com difusão dos conhecimentos especializados do grupo.	Enquanto houver o interesse aprimorar e resgatar técnicas de bordados em Ouro Preto.

Fonte: Elaborado pela autora.

Dentro da Associação Senhoras Artesãs de Ouro Preto, as artesãs possuem um interesse comum de profissionalizar a artesã e compartilhar o conhecimento sobre o bordado promovendo encontros que possibilitam a troca de aprendizado, sendo importante para organização como associação. Na ASA, há uma paixão comum pelo artesanato e o compromisso com a preservação das tradições e técnicas de bordado de Ouro Preto. Suas práticas envolvem a transmissão de conhecimentos tácitos por meio da interação social localizada, permitindo a aprendizagem entre as 24 integrantes por meio da participação, além disso, promove o empreendedorismo social através da venda dos produtos confeccionados.

Assim como no estudo realizado com os coletores de lixo domiciliar por Oliveira, Fontes e Guimarães (2020), o conhecimento real adquirido nas oficinas e palestras ministrados na associação foram compartilhados na prática durante a rotina dos encontros da bordadeira. Os valores que ali são transmitidos espontaneamente entre as artesãs e influenciam no desenvolvimento da ASA, não só como fonte de renda e desenvolvimento de novos produtos, mas, também, de sociabilização e manutenção da saúde psicológica das mulheres artesãs que ali estão.

O agrupamento em associação coletiva trouxe maior visibilidade e oportunidade para a comercialização e exposição dos produtos feitos pela ASA. Por ser uma produção doméstica, particular e voltada ao círculo familiar, observou-se que a realização das palestras trouxe novas possibilidades de produtos sem perder a transmissão de saber que como comunidade, contribuem para a formação de uma identidade compartilhada entre as artesãs. As artesãs conseguiram desenvolver novos produtos que se relaciona diretamente com outra prática tradicional de o Ouro Preto

Na literatura empreendedorismo social pode ser definido como uma ação inovadora voltada para o campo social, onde os serviços/produtos produzidos tem um objetivo de solucionar problemas sociais (Oliveira *et al.*, 2019). Sendo assim, avaliando aspectos do empreendedorismo social por meio da observação direta consolidados a seguinte discussão:

Figura 3:Características da ASA como empreendedorismo social

Características da ASA como empreendedorismo social				
É coletivo?	Produz bens para a comunidade?	Tem foco na solução de problemas sociais?	O impacto social é uma medida de desempenho?	Visa resgatar pessoas em situação de risco social e promovê-las?
Sim. O agrupamento em associação coletiva trouxe benefícios no papel de comercialização e exposição dos produtos.	Sim. Os bens produzidos fortalecem a comunidade economicamente.	Sim. A associação uniu mulheres bordadeiras com maior vulnerabilidade a fim de trazer formas de comercialização dos produtos e compartilhamento do saber. Além disso, a associação já foi reconhecida por órgãos locais na categorias "Entidades com Responsabilidade Social".	Sim. O trabalho na associação é o meio de vida e ganho dessas mulheres. Além do impacto como fonte de renda, há também o impacto de socialização e empoderamento feminino.	Sim. As mulheres artesãs bordadeiras residentes em distritos e comunidades rurais de Ouro Preto tem a oportunidade de se qualificar como artesã, mostrando e valorizando o trabalho que é desenvolvido.

Fonte: Elaborado pela autora.

Sendo as bordadeiras, grupo tradicionalmente com maior vulnerabilidade social, os minicurso promovidos além buscar o desenvolvimento das habilidades artesanais, o grupo foi incentivado a refletir sobre suas potencialidades individuais, identidade cultural e talentos pessoais, visando potencializar o processo de produção de forma autêntica e original, trabalho, observou-se que a cada encontro havia uma participação maior das artesãs. Convida-las para reflexão do que é produzido abordando os conceitos de inovação e empreendedorismo proporcionou a criação de produtos personalizados que as participantes puderam comercializar de forma independente ou coletiva, por meio da associação gerando assim trabalho e renda.

Esses aspectos do empreendedorismo social e as comunidades de prática puderam contribuir para que o grupo de mulheres, que muitas vezes fazem parte de um grupo vulnerável, pudessem imaginar novas possibilidades de produtos para seu contexto de trabalho que ao longo dos encontros se fortaleceu baseadas na valorização da identidade cultural das bordadeiras, o que reforça o seu compromisso social, visto que, em 2019, a ASA recebeu o Prêmio da Fundação Aleijadinho, categoria Entidades com Responsabilidade Social.

O reconhecimento da importância de suas tradições e a percepção de que estas podem ser aliadas à inovação, trouxeram um novo olhar sobre o bordado e sua aplicação para novos produtos trabalhando empoderando o grupo facilitando o compartilhamento e o uso coletivo no futuro.

7. Conclusão

O trabalho desenvolvido dentro Associação Senhoras Artesãs de Ouro Preto permitiu observar o interesse comum dessas artesãs em compartilhar o conhecimento sobre o bordado preservando as tradições e técnicas de bordado de Ouro Preto, e promovendo o empreendedorismo social. Dentro da ASA todo o trabalho feito pela a associação a denomina como comunidade de prática ,visto que, o conhecimento real foi adquirido nas oficinas e palestras e compartilhadas na prática durante a rotina dos encontros da bordadeira. Os valores que ali são transmitidos espontaneamente entre as artesãs e influenciam no desenvolvimento da ASA, não só como fonte de renda e desenvolvimento de novos produtos, mas, também, de sociabilização e manutenção da saúde psicológica das mulheres. Esse agrupamento desta comunidade de prática, trouxe maior visibilidade e oportunidade para a comercialização e exposição dos produtos feitos pela ASA.

Este trabalho pode contribuir para p que o grupo de mulheres, que muitas vezes fazem parte de um grupo vulnerável, pudessem imaginar novas possibilidades de produtos para seu contexto de trabalho As palestras que envolveram conceito de inovação e empreendedorismo trouxe novas perspectiva as 24 bordadeiras para formar novas artesãs e buscar novas formas de comercializar seus produto, possibilitando também a criação de um novo produto para doces e quitandas produzidas na região.

Por fim, o estímulo para criação de novos produtos e métodos de comercialização possibilitam uma comunidade mais empoderada ser tornando um mecanismo de fortalecimento frente ao mercado. a importância da cooperação entre as bordadeiras, incentivando a troca de informações sobre fornecedores, estratégias de negociação e o fortalecimento como coletivo. Além disso, a criatividade e a inovação foram estimuladas, explorando festivais, eventos culturais e tradições locais como fontes de inspiração.

Referências

ASHOKA, EMPREENDEDORES SOCIAIS - O que faz um empreendedor social. 2012.

Disponível em: <http://www.ashoka.org.br/visao/empreendedorismosocial/>.

ALVES, R., e CAMPOS, F. Gestão do conhecimento e práticas de explicitação de tácito para explícito: uma revisão sistemática da literatura dos últimos 20 anos. *Exacta*, v. 19, n. 4, p. 911-932, 2021. doi: <https://doi.org/10.5585/exactaep.2021.16057>

ARNS, Elaine T. M. A construção do conhecimento coletivo em uma comunidade de mulheres pescadoras profissionais artesanais na região de Guaraqueçaba-PR. 2020.

CHAGAS, Tays. T. R. das. "Aqui a pedra tem vida": um estudo sobre o artesão da Pedra Sabão. Tese de Doutorado. São Paulo. Fundação Getúlio Vargas, 2018.

CRUZ, M. H. S. (2018). Empoderamento das mulheres. *Inclusão Social*, 11(2).

DREYFUS, H.; e DREYFUS, S. Expertise intuitiva: para além do pensamento analítico. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2012.

GALLISA, M. de F. do S. "A oficina de bordado artesanal no Museu Casa dos Inconfidentes, Ouro Preto, Minas Gerais". 2020.

IES - Instituto de Empreendedorismo Social. "O que é o empreendedorismo social?" Disponível em: http://www.ies.org.pt/conhecimento/empreendedorismo_social.

LATOSKI, A.; NOGUEIRA, E. E. DA S. Dimensões temporais e espaciais da prática empreendedora em grupo: o caso da feira de artesãs como comunidade de prática. *Cadernos EBAPE. BR*, v. 19, p. 1-17, 2021.

LEÃO, MOUTINHO E XAVIER. Os condicionantes de crescimento arranjo produtivo local de apicultura na região do Araripe, Pernambuco *RACE, Unoesc*, v. 11, n. 1 Ed. especial agronegócios, p. 75-102, 2012.

LIRA, G. R. Artesanato Brasileiro: cultura que gera negócios. Agosto de 2008.

MELO NETO, P. F.; FROES, C. Empreendedorismo social: a transição para a sociedade sustentável. Rio de Janeiro. Qualitymark, 2002.

MOURA, G. L. Somos uma comunidade de prática? Revista de Administração Pública, v. 43, p. 323-346, 2009.

OLIVEIRA, T. M.; FONTES, A. R. M.; GUIMARÃES, M. R. N. A INFLUÊNCIA DA CULTURA ORGANIZACIONAL NOS PROCESSOS DE TRABALHO DOS COLETORES DE LIXO DOMICILIAR: UM ESTUDO DE CASO. Revista Gestão e Desenvolvimento, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 175–195, 2020. DOI: 10.25112/rgd.v17i1.1735. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistagestaoedesenvolvimento/article/view/1735>. Acesso em: 17 mar. 2023.

OLIVEIRA, J. J. L. et al. ENACTUS UFCA: UM CASO DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO. 2019.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 41 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010. Coleção Leitura.

POLANYI, M. The Logic of Tacit Inference. Philosophy, v. 41, n. 155, p. 1–18, 1966. doi:10.1017/s0031819100066110

RIBEIRO, R. Tacit Knowledge Management. In Evan, S., Stone, D. and Feist, Greg (ed.) Tacit Knowledge: New Theories and Practices: Special Issue of Phenomenology and the Cognitive Sciences, 2011.

VIEIRA, Daniele Aparecida da Silva. Qualificação da experiência por níveis de similaridade: o caso da mina de níquel. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte. Universidade Federal de Minas Gerais, 2018

STROMQUIST, N. La búsqueda del empoderamiento: em qué puede contribuir el campo de la educación. In: LEÓN, M. (Org.). Poder y empoderamiento de las mujeres. Santafé de Bogotá: Tercer Mundo y UN Facultad de Ciencias Humanas,1997